



Santuário de nossa senhora da conceição e o processo de romanização

Deise Albuquerque¹

Sylvana Brandão²

Resumo

O Santuário de Nossa Senhora da Conceição, localizado no Morro da Conceição em Recife é considerado o maior centro devocional do Estado de Pernambuco, de maneira especial, entre os meses de novembro a dezembro quando é celebrada a festa de Nossa Senhora da Conceição; esta que apesar de não ser a padroeira oficial da cidade, desperta grande devoção nos recifenses. A origem do Santuário remonta ao início do século XX, precisamente em 1904, com a chegada da imagem ao Morro da Conceição, ocasião em que a Igreja Católica comemorava os 50 anos da promulgação do dogma da Imaculada Conceição, no cenário histórico do processo de romanização. Anualmente convergem milhares de devotos, oriundos de várias regiões do Brasil para realizarem seus rituais de purificação e de agradecimentos, entre os quais se destacam, com mais ênfase, expressões de gratidão por curas de doenças. Através da Etno História, cremos que foi possível compreender a natureza desta devoção como essencialmente voltada a milagres de curas de vários tipos de males. Em nossa abordagem teórica são basilares os conceitos de plausibilidade de Peter Berger, e de romanização e modernidade de Emanuela Ribeiro.

Palavras-chaves: Religião. Romanização. Santuário.

Introdução

Esse trabalho é parte de um projeto maior que pretende elaborar acadêmicos sobre a História do Santuário de Nossa Senhora da Conceição, localizado no Morro da Conceição em Recife-Pernambuco. A fundação deste Santuário ocorreu em 1904, ocasião em que o Dogma da Imaculada Conceição da Virgem Maria completava 50 anos de aceitação por parte da Igreja Católica. Nesse artigo, serão expostas algumas de nossas considerações a respeito do processo de romanização no Brasil, identificado nesse Santuário os elementos que o relacionam a este processo.

¹ Discente em História pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: deise.historia@gmail.com
Membro do grupo de pesquisa *História, Religião e Religiosidades* do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco.

² Professora Doutora Sylvana Maria Brandão de Aguiar, Professora do Departamento de História da UFPE. Membro dos Programas de Pós-graduação em História e Arqueologia da UFPE. Professora e coordenadora do mestrado em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste. Líder do grupo de pesquisa *História, Religião e Religiosidades*. Vários livros e artigos publicados. Membro de instituições de pesquisa nacional e internacional. E-mail: brandao.sylvana@gmail.com



O Catolicismo foi argamassa na formação social do Brasil, dessa forma, estudar romanização é compreender um pouco das peculiaridades que permeiam a História do Brasil.

Dessa maneira, a compreensão do processo de romanização nos permite adentrar no contexto histórico no qual foi construído o Santuário de Nossa Senhora da Conceição, que é hoje o maior centro de devoção do Estado de Pernambuco.

Para tanto, utilizamos como fontes, Jornais que vincularam informações sobre o Santuário, etnografia, além de fontes bibliográficas sobre o tema. Do ponto de vista teórico, nos são fundamentais as contribuições de Emanuela Ribeiro sobre romanização e modernidade, Rodolfo Guttilla, sobre romanização e Maristela Andrade sobre catolicismo e secularização.

1. A romanização e santuário de nossa senhora da conceição

Desde a colonização o catolicismo serviu de base para o projeto expansionista português, no entanto, não será exagero dizermos que a Igreja Católica tornou-se um dos pilares da formação da sociedade brasileira. Sob esse aspecto, cabe dizer que o catolicismo no Brasil apresentou duas vertentes. Segundo Guttilla, um catolicismo “tradicional”, difundido pelo clero secular e um catolicismo “reformado”, promovido pelo clero regular. O primeiro estava imbuído de uma “dimensão medieval”, que empossava os santos de poderes sobrenaturais que permitiam a atuação desses na vida terrena, estabelecendo entre o santo e o devoto uma relação familiar; enquanto que o segundo pretendia aproximar as práticas religiosas brasileiras dos rituais romanos, extinguindo assim, o caráter místico do primeiro. Ainda segundo este autor, essa postura reformista visava coibir o estado de degradação na qual se encontrava o clero secular, embasado nas prerrogativas moralizantes e dogmáticas do Concílio de Trento. (GUTTILLA, 2006) Esse movimento de alinhamento do catolicismo brasileiro com as determinações de Roma dá-se o nome de romanização.

Trata-se de um processo que teve início ainda no século XVI, mas que apenas se consolida a partir da metade do século XIX com o apoio das medidas centralizadoras do Concílio Vaticano I, que além de reforçar os pressupostos do Concílio de Trento, “definirá a doutrina de infalibilidade papal como dogma da igreja.”



(GUTTILLA, 2006, p. 57) Neste sentido, devemos ressaltar que o impulso pró-Roma, se deu a partir da Proclamação da República em 1889, momento em que o regime do Padroado, que vinculava diretamente a Igreja ao Império, subordinando-a a este, foi extinto, inaugurando uma nova fase do catolicismo brasileiro inspirado no modelo romano.

No plano externo à igreja, [...] Outra estratégia adotada com sucesso pelas autoridades eclesiásticas, como forma de permutar progressivamente o catolicismo 'tradicional' pelo catolicismo 'renovado', ou 'romanizado', consistia em substituir as devoções aos santos tradicionais, por outras devoções trazidas da Europa e popularizadas pelas novas congregações de clérigos regulares, especialmente 'as devoções marianas e a devoção ao Sagrado Coração de Jesus'. [...] Convém assinalar, finalmente que a reforma implantada pelos bispos brasileiros, em meados do século XIX, como o apoio de congregações européias de clérigos regulares, tinha por principal objetivo dar uma nova orientação praticada pelo povo, com ênfase na vida sacramental. (GUTTILLA, 2006, p. 60-62)

A respeito do processo de romanização, Maristela Andrade nos diz que ele decorre de um estado de crise da Igreja Católica Brasileira, fruto da expulsão dos jesuítas, atores aos quais foi atribuído o papel moralizante do clero brasileiro; extinção da Inquisição; aumento da influência das irmandades leigas na condução da vida religiosa; má distribuição do clero e despreparo deste para as estruturas eclesiais e por fim, a exarcebação do dito, catolicismo popular, em detrimento do culto oficial (ANDRADE, 2002).

O processo de romanização vivido pela Igreja desde então, resultará no desenvolvimento de uma autocrítica da Igreja e de seu afastamento do povo, ao dar início à execução de projetos de reforma, que visavam acima de tudo obter autonomia frente ao estado (ANDRADE, 2002, p.127)

Em sentido oposto, segundo Emanuela Ribeiro, o processo de romanização pode ser compreendido como um instrumento da Igreja Católica, pós-república para se adaptar à modernidade – e conseqüentemente ao Estado que emerge durante a República Velha –, ocasião em que a Igreja toma para si a tarefa de promover a racionalização da sociedade brasileira por meio da disciplina e da normatização das manifestações religiosas. (RIBEIRO, 2009). Atua dessa forma, como agente consolidador do Estado Moderno e não como força centrífuga ou mesmo concorrente desse Estado na qual está inserida.

[...] precisamos perceber as reelaborações e diferentes vivências que permearam as relações da Igreja Católica dita romanizada com a modernização das sociedades. Através, principalmente, do combate às práticas do catolicismo dito popular, e da aproximação com os elementos da ciência e da tecnologia modernas, a Igreja Católica



atuou como elemento racionalizante no contexto brasileiro. (RIBEIRO, 2009, p. 51)

É nesse contexto de reforma e adaptação da cristandade latina à modernidade, por meio do entrelaçamento com a Roma que surge a devoção a Nossa Senhora da Imaculada Conceição.

O Dogma da Imaculada Conceição da Virgem Maria foi promulgado em 8 de dezembro de 1854, pelo Papa Pio IX, através da *Bula Ineffabilis Deus*, que declara a santidade da Virgem Maria desde sua concepção, tendo ela sido isenta do pecado original.

Esta particular pureza de Maria designámo-la nós com o nome de *Imaculada Conceição*. Não é o 'nascimento virginal'. A palavra 'imaculado' vem de duas palavras latinas que querem dizer *não manchado*. Por 'Conceição Imaculada', entendemos que nossa Mãe Maria, a partir do seio de Sua Mãe Santa Ana, e em virtude dos méritos antecipados da redenção de Seu Filho, estava imunizada contra as manchas do pecado virginal. (FULTON, 1955, p. 17)

No Brasil, a devoção foi legada pelos colonizadores portugueses já devotos de Nossa Senhora da Conceição, sendo ela inclusive a padroeira do Brasil até a descoberta da imagem da Virgem Maria de cor negra, hoje conhecida como Nossa Senhora Aparecida, a padroeira do Brasil.

De maneira específica, em Pernambuco a devoção a Nossa Senhora da Conceição estava dispersa nas diversas paróquias do Recife como na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Irmandade de Santa Cecília, Capela dos Milagres em Olinda, Matriz da cidade de Goiânia, Igreja do Rosário da Boa Vista e na Igreja de Santa Rita, na cidade de Jaboatão, só para citar algumas, até a chegada da imagem francesa, responsável pela concentração dessa devoção no Morro do Arraial.

A chegada da imagem da Virgem da Imaculada Conceição remonta ao início do século XX, especificamente no ano de 1904, tendo sido autorizada pelo Arcebispo de Olinda e Recife, o Bispo D. Luís Raimundo e Brito, segundo recomendação do Papa Leão XII.

O monumento de N. S. da Conceição do Morro foi construído no ano de 1904, por ordem de D. Luiz Raimundo da Silva Brito, então Bispo Diocesano de Olinda, no Alto do Outeiro, chamado depois de Morro da Boa Vista e atualmente Morro da Conceição, para comemorar o quinquagésimo aniversário da proclamação do dogma da Imaculada Conceição da Virgem Maria. O terreno onde foi edificado o referido monumento foi doado à Diocese de Olinda, numa área de cento e vinte (120) por sessenta (60) metros, conforme consta escritura particular de doação, passada a seis de dezembro de 1904. A imagem da Virgem Imaculada foi adquirida em Paris na "Vaillant Nast e Cia", por intermédio de Dr. Carlos Alberto Menezes e foi posta

sobre um pedestal de alvenaria granítica lavrada, de primeira qualidade, com cauterias especiais na base e nas cimalthas acima, com arestas vivas sem falhas. Traz ela as mãos postas, coroa dourada, mede três metros e meio (3,50) de altura, é toda de ferro, tem veste branca, manto azul com bordados, aos pés uma esfera azul com estrelas. Sobre a mesma há um docel de ferro com quatro (4) colunas, medindo nove metros e meio (9,30) de altura em alumínio dourado em cuja base está uma balaustrada de ferro, do mesmo estilo³.



Ilustração 1: Placa do monumento
Fonte: Jornal Diário de Pernambuco, 1965.

Desde a chegada da imagem, foi grande a notoriedade concedida pela imprensa ao então Outeiro de Bagnuolo⁴, ou mesmo Morro do Arraial – nomes relacionados às batalhas contra os holandeses que se desenvolveram no Arraial do Bom Jesus, – antigas nomenclaturas do atual Morro da Conceição, que vigoraram até que a “presença” da imagem da Virgem suplantasse a memória das invasões holandesas.

Nos primeiros anos, as celebrações em honra da santa eram organizadas por importantes famílias pernambucanas. No que se refere a essas famílias, o Jornal Diário de Pernambuco em edição de 05 de dezembro de 1921 relata que o hasteamento da bandeira de Nossa Senhora da Conceição seria feito pela comissão formada pelas senhoritas da “elite arraialense”, tendo como juíza do ano a Sr^a. Maria Theresa da Silva Cabral.

Neste sentido, podemos destacar como membros dessa “elite arraialense” envolvidos com a organização anual da festa, nomes como os de: Maria José Pontes Soares, Antonieta Vieira, Amélia Pontes Soares, Helena Borges, os doutores

³ Jornal Diário de Pernambuco, segundo caderno, edição de 05 de dez, p.3 1963

⁴ O Conde Bagnuolo, foi um dos grandes comandantes de guerra que lutou ao lado dos irmãos Albuquerque no Arraial do Bom Jesus, na ocasião da invasão holandesa. (MELO, 2007) Esse fato nos leva a inferir que o atual Morro da Conceição, anteriormente nomeado de Outeiro de Bagnuolo, pode ter sido palco das batalhas contra os holandeses, em especial, das tropas comandadas pelo Conde Bagnuolo.

– como eram chamados pela imprensa – Joaquim da Silva Cabral, Pedro Alexandrino de A. Mello, Francisco Meira Lins, Arthur Medeiros Carneiro e Pedro Allain Teixeira, além dos majores Julio Soares, Carlos José Marques e Adolpho Vieira e do coronel Alfredo Osório Cerqueira.

Os Jornais indicam que essas pessoas contribuíam para a festa com a concessão de bandas de música para alegrar as festas profanas; além de doações que alicerçaram as melhorias na infra-estrutura material do Morro do Arraial, como estradas, iluminação e transporte para a festa. Passado o impulso inicial, quando o Morro do Arraial ainda se convertia de uma região praticamente despovoada para um centro de fé católica, o patronato dessas famílias foi substituído pelo controle da Arquidiocese e pela intervenção do poder público, na organização das celebrações para a Imaculada Conceição.

Desde a chegada da imagem no Morro do Arraial a visitação ao local tornou-se intensa, sobretudo, nos dias da festa da santa, que compreendem de 8 a 10 dias que antecedem o dia 8 dezembro, conforme corrobora o trecho: “Esse ano a festa teve um brilho especial pelo número incalculável de pessoas que compareceram no local. Filas intermináveis subindo e descendo a ladeira, ao lado dos pedestres e de gente de toda a condição social”.⁵

A confluência de devotos torna-se tão grande que ultrapassa a capacidade do Morro, gerando acidentes como atropelamentos⁶ e um curto circuito em um dos postes de energia durante a festa de 1959, gerando pânico entre os devotos que se alardearam em deixar o local todos ao mesmo tempo. Durante a correria, pessoas foram pisoteadas pela “multidão amedrontada”, o incidente deixou um saldo de sete mortos e mais de cem feridos⁷.



⁵ Jornal Diário de Pernambuco, edição de 09 de dezembro de 1945, p. 8

⁶ Jornal Diário de Pernambuco, edição de 10 de dezembro de 1946.

⁷ Jornal Diário de Pernambuco, edição de 10 de dezembro de 1959.



Ilustração 2: Tragédia no Morro da Conceição

Fonte: Jornal do Comercio, 1959

O ano de 1963 foi especial para os devotos da Virgem Imaculada, pois a Arquidiocese de Olinda e Recife finalmente anuncia a construção do Santuário.

Foi seu engenheiro construtor (da imagem) o Dr. Rodolfo Lima. A sua pedra fundamental foi benta por D. Luiz a 26 de outubro de 1904, cuja solenidade presidiu, em companhia de representantes das conferências vicentinas, grande número de fiéis, sacerdotes e pessoas gradas. Era o vigário Maximiliano Cottard o então vigário da Paróquia de Nossa Senhora da Saúde do Poço da Panela, à qual pertencia o Morro da Conceição. No ano mariano de 1954, data do centenário da promulgação do Dogma da Imaculada Conceição, fez o monumento o seu jubileu de ouro de construção. A festa se revestiu de excepcional brilhantismo, e por ocasião do “Te Deum” de encerramento, que foi presidido por Dom. Antonio de Almeida Morais Junior, Arcebispo de Olinda e Recife foi anunciada a nova de que para breve naquele local, haveria de ser edificado um grandioso Santuário dedicado à Imaculada Conceição da Virgem Maria, Nossa Senhora.⁸

O Santuário foi finalmente instituído em 1975, configurando-se a partir daí em palco de uma das disputas mais severa pelo controle do sagrado na História da Igreja em Pernambuco.

Compreendemos que a construção do Santuário impulsionou a urbanização do Morro da Conceição que passou do status de região semi-despovoada para uma população que em 2000 estava estimada em cerca de 12.000 habitantes, numa área de 40,9 hectares (IBGE, 2000). Uma parcela desse impulso desenvolvimentista pode ser associada aos primeiros organizadores da festa, a já mencionada “elite arraialense” que dispunham dos recursos necessários para promover a melhoria na infra-estrutura material da região e mais recentemente aos investimentos oriundos tanto de setores privados envolvidos na organização anual da festa, quanto da esfera pública municipal e estadual.

Avançando na história do Santuário, registramos que na década de 1980 a atuação do pároco Reginaldo Veloso promoveu importante impulso para o desenvolvimento da comunidade do Morro da Conceição. Adepto da Teologia da Libertação, movimento surgido em por volta da década de 1970, inspirado nas disposições do Concílio Vaticano II, acentuadamente aquela que defende uma Igreja Católica mais influente na sociedade, no caso da Teologia da Libertação, isso se daria através da atuação das Comunidades Eclesiais de Base, instrumentos que valoram a organização comunitária em detrimento das ações de cunho

⁸ Jornal Diário de Pernambuco, edição de 06 de dezembro de 1963, segundo caderno p. 1



individualistas (OLIVEIRA, 1992). Em contrapartida desse discurso, a passagem do Padre Reginaldo pela Paróquia do Morro da Conceição seria marcada não somente, pelo seu engajamento social, mas predominantemente, pelos conflitos que desenvolveu com a Arquidiocese de Olinda e Recife, especialmente com o Arcebispo, D. José Cardoso Sobrinho.

O padre Reginaldo Veloso é nomeado pároco da Igreja de Nossa Senhora da Conceição no ano 1978, durante o arcebispado de D. Helder Câmara, essencialmente marcado, por seu caráter populista, entretanto, no ano de 1985 ele é substituído pelo arcebispo D. José Cardoso Sobrinho, de orientação mais romanizada. Depois de celebrar a festa do ano de 1989 o Pe. Reginaldo Veloso foi afastado da paróquia.

Devido às divergências com o arcebispo D. José Cardoso Sobrinho, ele foi enquadrado no cânon 1373, do Código de Direito Canônico, que estabelece tal punição para o padre que 'incita os fiéis contra a autoridade eclesiástica'. O religioso já havia recebido a ameaça desde abril, e por isso declarou que esta seria a última festa do Morro em que ele compareceria como vigário.⁹

A decisão do Arcebispo de Olinda e Recife provocou descontentamento nas comunidades assistidas pelo Padre Reginaldo Veloso: Morro da Conceição, Alto José Bonifácio, Córrego do Zé Grande, Córrego Domingos Sávio, Aruende Santa Luzia, conduzindo a protestos contra o arcebispo, principalmente quando foi divulgado o risco de excomunhão do sacerdote. Neste sentido, o padre Reginaldo faz a seguinte declaração:

O padre Reginaldo analisa sua destituição, principalmente, como mais uma investida da ala conservadora da Igreja Católica, destinada a esvaziar a experiência de uma Igreja de comunhão e participação no Estado. Essa tentativa de desarticulação do trabalho dos progressistas vem desde 1985, quando dom José assumiu a Arquidiocese de Olinda e Recife. Assim mesmo, o ex-vigário do Morro disse que vai continuar seu trabalho por lá. 'Eu continuo padre e com o propósito de levar adiante essa tarefa evangelizadora', afirmou.¹⁰

Nos meses posteriores ao afastamento do pároco, o Morro da Conceição marcou presença nas páginas dos jornais pernambucanos; uma carta com a assinatura de 52 padres foi enviada ao arcebispo, onde os clérigos manifestaram seu apoio ao padre Reginaldo; os paroquianos, por sua vez, organizaram protestos contra o arcebispo produzindo faixas com frases do tipo: "Povo organizado, vence

⁹ Jornal Diário de Pernambuco, primeiro caderno, edição de 12 de dez. de 1989. P. A9

¹⁰ Jornal Diário de Pernambuco, primeiro caderno, edição de 13 de dez. de 1989. P. A5



bispo endiabrado!”¹¹; diversas entidades sociais ligadas à paróquia manifestaram apoio ao padre organizando protestos contra a Arquidiocese. Não satisfeito, o Padre Reginaldo pede perdão ao arcebispo nos seguintes termos: "Perdoe-me senhor arcebispo por não encontrar razões para lhe pedir perdão, por não poder dar ao senhor e a seus assessores este prazer a mais, por não poder satisfazer a sede de dominação dos senhores a esse ponto”¹². A crise na Arquidiocese de Olinda e Recife foi tão intensa, que para que o novo pároco, o padre Constante Danielwicz tomasse posse na paróquia, foi necessário o uso da força policial, a fim de fazer valer o mandato de reintegração de posse, pois a comunidade impedia que o padre exercesse as suas funções.¹³ Segundo Joanildo Burity:

Cerrando fileiras em torno do padre Reginaldo, os fiéis mais identificados com a Igreja “Popular” chegaram ao ponto de ocupar o templo, promoveram manifestações e conseguiram obter o apoio de entidade do movimento popular e receptividade na imprensa, sem sucesso, entretanto. O arcebispo manteve-se irredutível e requisitou força policial sempre que sentiu não ser suficiente sua ascendência hierárquica para domar o conflito. Houve divisão entre os católicos da área. (BURITY, 2001, p. 8)

Essa dessa disputa pelo *controle do sagrado* (STEIL, 1996) marcou profundamente a identidade da Paróquia. Para Joanildo Burity, “a preocupação de atores religiosos pela publicização de suas visões sobre questões sociais e pela conquista de espaços representativos na cena política, surgem, nessas condições, como um retrocesso às conquistas laicizantes do estado moderno” (BURITY, 2001, p. 10). Hoje o Santuário está sob a liderança do Padre Josivan Sales, de orientação Carismática, mais um movimento que integra o certame empreendido pela Igreja Católica para se “manter viva” no mercado de bens simbólicos, em que se constitui a religião para Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 2004).

Para além das disputas ideológicas, o espaço que compreende o Santuário de Nossa Senhora da Conceição em Recife, Pernambuco, configura-se hoje como o maior centro de devoção católica do Estado. Anualmente milhares de pessoas convergem para demonstrar sua fé ou mesmo sua gratidão à Santa.

A maioria não nos parece preocupada com os sacramentos romanos, ou mesmo com a liturgia, buscam ali o conforto para seus corações, ou aquela graça

¹¹ Idem.

¹² Jornal Diário de Pernambuco, caderno cidades, edição de 17 de dez. de 1989. P. A26

¹³ Jornal Diário de Pernambuco, caderno cidades, edição de 24 de out. de 1990. P. A9



especial que tanto desejam. Conquistas que se configuram como milagres para esses fiéis. Segundo Sylvana Brandão:

Milagre pode ser tão somente a solução de um impasse qualquer, seja este afetivo, financeiro, de dor física. O milagre como solução prática, cotidiana. O ver a vida de maneira simples, milagrosa. Tal qual São Francisco amava como milagre cotidiano seus irmãos sol, lua, lobo e morte. A graça e a misericórdia divina fazendo-se presentes no dia-a-dia, aliviando as dores, retomando a alegria. (BRANDÃO, 2004, p. 358-359)

Pedidos que vão desde os mais humildes, como a aquisição de uma casa própria, aos mais difíceis como a cura de um câncer. São pessoas que diante de sua santa de devoção, se emocionam, se ajoelham, rezam em voz alta, ou mesmo silenciosamente; acendem suas velas, pagam suas promessas – uns sobem ajoelhados, outros de costas; uns carregam tijolos nas cabeças, muitos trajam mortalhas, um devoto em especial, percorre o caminho íngreme que o separa da Virgem Imaculada, se arrastando pelo chão, como uma cobra.

Muitos praticam mais de um culto religioso, e não raro, encontramos praticantes de cultos afro-descendentes, para os quais a Virgem Maria equivale à deusa Iemanjá. No Morro da Conceição eles praticam seus próprios rituais sob a anuência silenciosa de Roma.

Não seguem nenhuma regra estabelecida pela paróquia, antes, agem de acordo com o fervor de sua fé, e dessa forma revigoram o catolicismo que eles mesmos constroem.

Parece-nos que a modernidade abriu caminho para o surgimento de novas formas de religiosidade que ultrapassam os limites das religiões tradicionais, e, sobretudo, das orientações romanizadas, vez que as necessidades dos devotos tenham se tornado mais específicas. Destarte, é natural que o catolicismo incorpore uma gama maior de elementos ao seu discurso de forma a se manter atuante no cenário das religiões universais.

Considerações finais

A separação entre Igreja e Estado, faz parte do processo da Modernidade, que por sua vez, pressupõe um processo de secularização da vida, contra o qual as igrejas lutam através da reafirmação dos seus princípios e dogmas. Para Andrade, o Concílio Vaticano II se configura num marco da adesão do catolicismo à



secularização, na medida em que o sobrenatural vai desaparecendo das esferas da vida, e vai sendo substituído, por outro lado, pela racionalidade científica. Os temas religiosos são suplantados pelo discurso, aproximando o catolicismo de correntes de pensamento, não necessariamente teológicas, como o marxismo que penetra no discurso católico, por volta de 1970, através da Teologia da Libertação, e mais recentemente da Renovação Católica Carismática de origem protestante (ANDRADE, 2002). Tais vicissitudes demonstram que a Igreja Católica continua vivenciando um processo de mudança para se adaptar as demandas da modernidade. Essa necessidade de transformação do catolicismo, que tem por fim último, a manutenção de seu status de culto universal, evidencia, segundo Peter Berger, a crise de plausibilidade que essa instituição enfrenta perante o cenário de pluralidade religiosa que emerge durante a modernidade. (BERGER, 1985)

O Santuário em questão foi fruto de um desses processos de adaptação do catolicismo no Brasil, a romanização. Diante da análise da história do Santuário podemos perceber que apesar de ter sido um culto importado, a devoção mariana, adquiriu no Brasil contornos próprios, especialmente em Pernambuco que tem sua imagem baluarte vinda da França – um dos centros culturais mundiais –, sob recomendação do Papa Leão XII, e autorização da Arquidiocese de Olinda e Recife, em homenagem ao cinquentenário da promulgação de um dogma basilar ao catolicismo. Um alinhamento perfeito que teve apoio material da elite local na promoção dessa devoção. Analisada sob esse prisma, a romanização neste Santuário, rendeu uma grande gama de fiéis à Igreja Católica em Pernambuco. Por outro lado, a substância que movimenta o devoto da Imaculada Conceição em nosso Estado ainda se assemelha com aquela do catolicismo tradicional, que investe o santo de poderes sobrenaturais, possibilitando ao fiel uma relação de troca que continua tendo um caráter familiar, em nosso caso, uma relação de mãe e filho.

Referências

ANDRADE, M. O. **500 anos de catolicismos e sincretismos no Brasil**. Paraíba: Universitária UFPE, 2002.

BERGER. P. **O rumor dos anjos**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985



BOURDIEU, P. **Economia das trocas simbólicas**. 5ªed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BRANDÃO, S. São Francisco das Chagas do Canindé, Ceará, Brasil. In: BRANDÃO, S. (Org.) **História das Religiões no Brasil**. Vol. III, Ed. Universitária UFPE: Recife, 2004

BURITY, J. A. **Religião e Cultura Cívica: Onde os Caminhos se Cruzam? Política Hoje**. Revista do Mestrado em Ciências Políticas da UFPE, Recife-PE, v. 7, n. 11, 2001.

FULTON, S. **O primeiro amor do mundo**. São Paulo: Educação Nacional, 1955.

GUTTILLA, R. W. **A casa do santo e o santo de casa: um estudo sobre a devoção a São Judas Tadeu do Jabaquara**. São Paulo: Landy, 2006.

MELO, E. C. de. **Olinda restaurada: guerra e açúcar no Nordeste, 1960-1954**. São Paulo: Editora 34, 2007.

OLIVEIRA, P. R., Estruturas de Igreja e conflitos religiosos. In: SANCHIS, P. (Org.), **Catolicismo: modernidade e tradição**. Loyola: São Paulo, 1992.

RIBEIRO, E. S. **Modernidade no Brasil, Igreja Católica, Identidade Nacional: práticas e estratégias intelectuais: 1889 – 1930**. Tese de Doutorado em História. Universidade Federal de Pernambuco, 2009

STEIL, C. A. **O sertão das Romarias – Um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia**. Petrópolis: Vozes, 1996.